

## **NESTA EDIÇÃO**

### **ACONTECE**

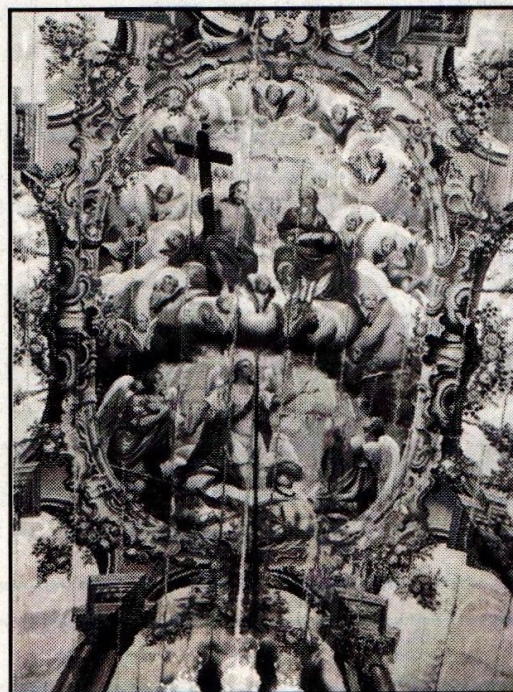
Na coluna “Acontece” você fica sabendo quem são os são-joanenses que estão correndo o mundo. A inauguração da nova piscina do Athletic Club também está em destaque, além, é claro, dos principais fatos sociais da cidade e da região. Página 6.

### **DE OLHO NA CIDADE**

Geraldinho da Rádio denuncia: estão vendendo drogas em plena praça da cidade. O colunista pede atenção especial da Polícia Militar para reprimir a ação dos traficantes de drogas. O alerta vem das mães, preocupadas com a segurança de seus filhos. Página 2.

### **MEMÓRIA**

Na página 4, artigo de José Antônio de Ávila Sacramento, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, faz o resgate histórico e um alerta sobre o acervo da Igreja



de São Miguel do Cajuru, do distrito de Arcângelo. José Antônio faz uma alerta sobre o precário estado de conservação das pinturas.

### **NA MARCA DO PÊNALTI**

Samuel faz a sua lista de gols contra e de placa nas urnas. Veja quem do mundo do esporte se deu bem nestas eleições e quem ficou a ver navios, na página 8.

**Jornal Gazeta de São João del-Rei**

São João del-Rei – MG, ano I, edição 13, de 10 de outubro de 1998, página 1

**Texto na página seguinte**



MEMÓRIA

# Igreja de São Miguel do Cajuru

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO\*

Na região do Campo das Vertentes, inserido na antiga e famosa Comarca do Rio das Mortes, está localizado o antigo arraial de São Miguel do Cajuru, atual distrito de Arcângelo, neste município.

Surgido sobre o antigo leito do caminho de tropeiros (Caminho Real), cujos interessantes vestígios ainda se podem observar naquelas imediações, as origens deste distrito remontam à segunda década do século XVIII, conforme bem registrou Sebastião Cintra, em seu livro Efemérides de São João del-Rei, onde cita: "uma referência escrita em 12/08/1719, sobre a Fazenda do Engenho de São Miguel, que possivelmente teria dado origem a São Miguel do Cajuru – atual Arcângelo."

O local é pouco conhecido dos Sanjoanenses, e a exemplo de inúmeros povoados mineiros, o arraial cresceu em torno de um monumento religioso, no caso específico a Igreja de São Miguel, a qual apresenta, em seu interior, pintura decorativa religiosa de inusitado valor. São Miguel do Cajuru já conheceu épocas de grande importância e, no Império, teve seu nome ligado aos Barões do Cajuru, João Gualberto de Carvalho e seu filho, Militão Honório de Carvalho, que teve seu nome vinculado à Revolução Liberal de 8142. Na época Colonial instalaram-se no local importantes fazendas, além de a área ser de conhecidas lavras auríferas.

Cajuru é palavra indígena (tupi-guarani) que significa Boca ou Entrada do Sertão: de *caá*= mata e *iuru*= boca.

Como era de praxe acontecer, a construção em Arcângelo, de uma capela, já existente em 1745, seria consequência natural do desenvolvimento econômico e político do Arraial. Segundo informações orais, aquela primitiva capela dispunha de torre única, lateral (campanário) e teria sua planta organizada no esquema tradicional de Capela-mór, Nave e Coro, até hoje perceptível apesar das ampliações e modificações introduzidas posteriormente, em torno de 1925. A primitiva Capela, ainda que alterada em seu exterior, pode ser reencontrada internamente, e devem dela serem destacadas as pinturas da Nave e da Capela-mór, que constituem singular exemplo de arte religiosa barroca de Minas Gerais e do Brasil, por sua excelente composição, cuidadoso acabamento e rigoroso, porém harmônico colorido, executado talvez à base de têmpera, que resiste mais que o óleo à oxidação causada pela atmosfera.

As principais características que se aplicam ao acervo pictórico do forro daquela Igreja, acompanham diretamente o esquema tradicional de pintura dos forros das Igrejas, ensinado ou trazido pelos artistas portugueses, onde se nota esforço arquitetônico para erguer um teto, onde se encaixa um quadro ricamente emoldurado. Esse quadro, com seu traçado independente, se descortina uma visão da profundidade celestial, com figuras esvoaçantes de anjos, querubins, personagens sagrados, nuvens e planejamentos, lançados num turbilhão ascensional que arrasta o olhar, eleva a alma irresistivelmente para as regiões celestes, para o infinito, onde certamente, se irradia o esplendor de Deus.

Descrevendo particularmente a pintura da Igreja de São Miguel do Cajuru, no estilo de Manoel da Costa Ataíde, maior pintor ilusionista sacro desse modelo, estão pintados nos cantos da abóbada, os quatro Doutores da Igreja (Santo Ambrósio, São Gregório, Santo Agostinho e São Jerônimo), com muitas nuvens e querubins, possui pintado na parte inferior, três arcanjos ajoelhados, com as armas depostas, em adoração à SS. Trindade, que vem pintada na parte superior desse quadro. Quanto à pintura do forro da Capela – mór, apresenta-se ao centro, São Miguel, com o pé apoiado à frente do outro, revelando a intenção do pintor de sugerir movimento à figura, que triunfalmente caminha com o estandarte, sobre as nuvens. Esta descrição da pintura da Capela-mór, infelizmente já não confere com a realidade, pois foi criminosamente prejudicada por uma restauração, que modificou a percepção do conjunto e dos detalhes das cores.

A autoria das pinturas permanecem incógnitas, pois certamente podem ser de Ataíde, ou de um discípulo, ainda que talentoso. De acordo com estudos recentes, atribui-se a obra a Joaquim José da Natividade, nascido provavelmente em São João del-Rei, na segunda metade do século XVIII. Maiores e melhores estudos merecem ser feitos com relação a aquele acervo.

Além do rico acervo pictórico, a Igreja possui ou possuía ricas e antigas imagens em madeira, telas, crucifixos, castiçais, peças em prata e ouro, que infelizmente, vem se perdendo através dos tempos, sendo vendidas e/ou subtraídas, a exemplo de um importante e valioso prato, que continha em seu interior, pintado à óleo, datado de 1891, a capela original; este prato, que se encontra



\* A pintura mostra São Jerônimo, um dos "Doutores da Igreja"

desaparecido, deve ser recuperado para resgatar a origem daquela Capela, ampliando também os estudos sobre as origens do arraial.

Atualmente, preocupa muito a situação do forro da Nave e da Capela-mór, que apresentam problemas ameaçadores, decorrentes da ação do tempo, bem como das intervenções desastrosas que causam impacto na obra como um todo. É necessário, urgentemente, gestões no sentido de melhor divulgar aquele acervo, restaurando-o e conservando-o para as futuras gerações. É necessário também uma reforma no templo, rede elétrica e telhado, instalação de extintores, alarmes contra roubos, além de reforço na segurança de portas e janelas.

Incrivelmente, o acervo ainda não foi tombado nem a nível Federal, Estadual ou Municipal. Preocupa muito a possibilidade, mesmo que remota, de que possa ocorrer, com o forro de Arcângelo, a mesma coisa que aconteceu com o forro da Matriz de N. S. da Conceição em Conceição da Barra de Minas, que foi vendido.

O presente artigo, assim, enriquece e chama a atenção, num esforço para que uma preciosidade, distante umas três dúzias de quilômetros de São João del-Rei, saia do seu anonimato e entre, como merece, no roteiro turístico cultural de Minas e do Brasil. Raras são as regiões, ou os países que oferecem tantos recursos turísticos, históricos, artísticos e culturais como a região mineira do interior do Campo das Vertentes, que, infelizmente, ainda está longe de ser amplamente conhecida e/ou divulgada.

Convido, pois, a todos se manifestarem e agirem de modo eficaz, evitando assim que mais um pedaço de nossa história se perca definitivamente. Não basta apenas escrever, publicar, fotografar e falar sobre as pinturas da Igreja de São Miguel do Cajuru; é preciso saber explorar-lhe os detalhes, reconhecer o seu valor histórico perenizá-las, verificar o que eles poderão dizer, assim como Michelangelo, escultor italiano, que ao esculpir, não tirava vida da pedra, mas dava vida à pedra.

\*Membro do IHG – Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.